

Dia-a-dia

AJ17532

Crime em Baixo Guandu O suspeito de matar o estudante de enfermagem em Baixo Guandu, na última terça-feira, foi preso ontem e afirmou que não se arrependeu de praticar o assalto. **PÁG. 8**

Trajeto. O objetivo era chegar no antigo terminal aquaviário Dom Bosco, na Ilha de Santa Maria

Da Prainha até Vitória, o melhor caminho é pelo mar

O percurso foi feito de barco, carro e ônibus. A embarcação, mesmo simples, foi a mais rápida

**MAURÍLIO MENDONÇA,
ANTÔNIO CEZAR MARTINS E
GUIDO NUNES**
DA REDAÇÃO MULTIMÍDIA

■ O objetivo era o mesmo: sair do Parque da Prainha, em Vila Velha, às 8 horas, e chegar ao desativado terminal aquaviário Dom Bosco, em Vitória. Mas com duas diferenças: o meio de transporte escolhido - carro, ônibus e barco de pesca -, e o tempo gasto para se fazer o percurso.

A intenção era descobrir qual dos três meios de transporte chegaria mais rápido ao destino final. A embarcação, apesar de ter uma velocidade limitada em 4 nós (ou 7,4 km/h) e sem um ponto específico para em-

barque e desembarque, fez todo o trajeto em 27 minutos. O primeiro a chegar, mesmo com os oito minutos iniciais sendo usados para embarque e manobra do barco na região da Prainha.

A notícia pode ser animadora para a reativação do aquaviário, possibilidade que o governo estadual lançou nesta semana, com o início do estudo que vai apontar quantos terminais e que tipo de embarcação será usada. Por enquanto, são sete terminais: cinco em Vitória, um em Vila Velha e um em Cariacica.

Mas até sair do papel, a população só conta com carros e ônibus para circular na Grande Vitória. De Vila Velha para a Capital, a principal ligação, a Terceira Ponte, tem um fluxo de 67 mil veículos por dia.

TRÂNSITO LIVRE

O carro, num dia atípico, fez o trecho em 28 minutos. Sem trânsito, a viagem foi tranqüila.

O uso da via expressa pode ter feito a diferença. Hoje 43% dos veículos que passam pela ponte usam esse serviço, sendo 55% nos horários de pico (entre 7 e 9 horas e 17 e 19 horas).

Essa é uma alternativa para não perder tempo na cobrança manual. São gastos, em média, oito segundos para atender um veículo. Sendo que, durante o horário de pico, 300 carros passam, por hora, por cabine.

O mesmo serviço é usado pelos ônibus do Transcol. Nesse caso, o trânsito também ajudou, mas a espera pelo veículo (20 minutos na Prainha) e a superlotação do transporte atrapalham a qualidade do serviço.

ASSISTA NA WEB
Confira o vídeo com a travessia de barco e de ônibus no www.gazetaonline.com.br

As rotas

Confira as linhas que deverão ser oferecidas pelo transporte aquaviário



A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo/Gilson

De barco

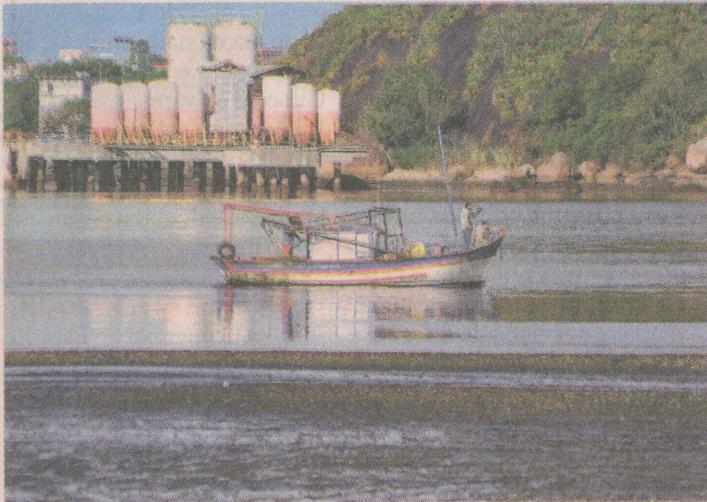
GABRIEL LORDÉLLO

De carro

GABRIEL LORDÉLLO

De ônibus

BERNARDO COUTINHO



De barco, o percurso entre a Prainha, em Vila Velha, até o Terminal Dom Bosco, em Vitória, durou 27 minutos. A saída foi às 8h. Foram oito minutos para a acomodação no barco. O acesso foi feito por meio de outras embarcações, atracadas em uma cooperativa de pesca, ao lado da antiga plataforma do Terminal Aquaviário da Prainha. Além do céu azul, sem nuvens, o mar estava calmo. O barco utilizado foi projetado para carregar caixas de peixes. Ainda assim, não houve desconforto durante a viagem. A velocidade média do barco durante o percurso foi de 4 nós – equivalente a 7,4 km/h. No Rio de Janeiro, as balsas variam de

10 a 18 nós – 18,5 km/h e 33,4 km/h, respectivamente. Por volta das 8h26 e mestre se preparava para atracar em uma plataforma improvisada, já que a do antigo Terminal Aquaviário Dom Bosco estava sendo utilizada por barcos particulares. O desembarque se deu da mesma forma que o embarque: por meio de uma outra embarcação atracada, até chegar à plataforma, exatamente às 8h27. A viagem foi rápida e agradável. Pouco depois do desembarque, a equipe que fez o percurso de carro também chegou à plataforma. Daria para fazer mais uma viagem de barco e de carro até o momento em que chegou a equipe que veio de ônibus.



Uma surpresa agradável: passar pela Terceira Ponte e vias principais de Vitória sem obstáculos e em pleno horário de pico. O percurso feito em 28 minutos, de carro, entre o Parque da Prainha, em Vila Velha, e o Terminal Dom Bosco, em Vitória, superou as expectativas. Esperava-se um trânsito engarrafado, lento, com complicações. Em todo o percurso não houve estresse. Como empecilho de trânsito, somente os semáforos no começo da Avenida Luciano das Neves, nos cruzamentos com as ruas Castelo Branco, Henrique Moscoso e Avenida Champagnat. Enquanto um sinal abria o outro fechava, retendo o fluxo. Mais lentidão foi registrada no

acesso à ponte, no final da Avenida Carioca. Isso porque o sinal, piscando em amarelo, dava passagem para as duas vias que se encontram na boca da ponte. Uma forma de não reter o trânsito com sinal vermelho e deixá-lo fluir, mesmo em baixa velocidade no horário de pico da manhã. Na saída da ponte, a praticidade da via expressa ajudou. Quem buscava o serviço manual do pedágio perdia tempo nas filas das cinco cabines abertas. Em Vitória, três surpresas: trânsito livre no cruzamento da Rua Humberto de Paula com a Av. Dr. Américo Buaid; e no da Av. Nossa Sr^ª. dos Navegantes com a Rua Clóvis Machado e a Avenida Leitão da Silva.

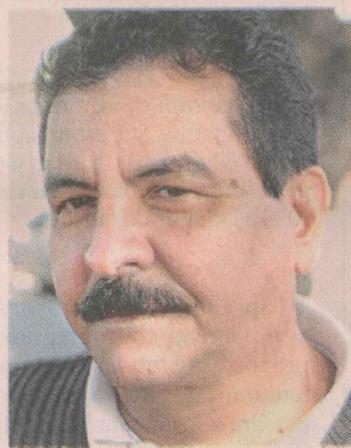


Quando o cronômetro começou a marcar, todos já sabiam que o ônibus não seria o primeiro a chegar no destino combinado. Quem anda de coletivo sabe que encarar um Transcol às 8 horas da manhã é um ato quase heróico. Sem exageros ou drama, mas vivenciar uma fila muito além da capacidade do ônibus se ajeitar dentro do carro é algo que desafia a lógica. Até chegar ao Terminal de Vila Velha a equipe levou meia hora. Foram 20 minutos até pegar o ônibus 615 (Prainha/Terminal de Vila Velha) e depois mais 10, aproximadamente, para

entrar no carro 514 (Terminal do Ibes/Vila Velha) e sair do ponto. Durante a viagem, os rostos eram os intérpretes mais fiéis da situação. Nem um sorriso ou cumprimentos. Todos calados e nitidamente inconformados em pagar R\$ 1,90 e ter que pegar, todos os dias, um ônibus lotado e sem conforto. Na rara conversa de algumas pessoas o tom de reclamação rege o assunto. Depois de uma hora e 2 minutos da saída da Prainha, chega o fim do trajeto e a confirmação de que andar de ônibus na Grande Vitória não é prazeroso, e sim incômodo e constrangedor.



FOTOS: BERNARDO COUTINHO



“Com um aquaviário bem estruturado, eu deixaria o carro em casa e usaria o barco. É melhor para todos, principalmente, para diminuir a poluição”.

ROSEVALDO BISPO
ADVOGADO

“Estou há 2 anos no Estado e sofro com esses ônibus. No Rio de Janeiro, as barcas funcionam muito bem. Aqui precisa de um aquaviário urgente”.

PAULO SÉRGIO DA SILVA,
MILITAR

Ligação com outros tipos de transporte

As barcas do sistema aquaviário poderão ter integração com o sistema de ônibus da Grande Vitória

■ O sistema de transporte aquaviário, previsto pelo governo, pode ser interligado com outros modelos de transporte, principalmente com o Transcol. Na semana passada, quando a contratação do estudo para reativar o aquaviário foi anunciada, o vice-governador Ricardo Ferraço cogitou a possibilidade de ligar o transporte marítimo ao rodoviário.

Em países europeus, onde as balsas e catamarãs fazem parte do transporte público ou terceirizado do local, há estacionamento para que morado-

res deixem seus carros e continuem o percurso de barco. O mesmo acontece com quem anda de bicicleta ou de moto. Há ainda a proposta de permitir levar a bicicleta dentro da embarcação.

METRÔ

Outra possibilidade apresentada dentro da interligação dos transportes, meses atrás, é a integração do metrô de superfície, proposta da Prefeitura de Vitória, a demais meios de transporte existentes na região metropolitana.

A interligação dos serviços de locomoção estão presentes em cidades como Rio de Janeiro, com o metrô ligado aos ônibus, e em São Paulo, com uma das estações do metrô tendo estacionamento, além de bicicletários.

O sistema aquaviário

■ **Como era.** O sistema de transporte aquaviário surgiu em 1978, chegou a atender 424.526 usuários por mês, com 11 barcos, um terminal aquaviário e quatro pontos para embarque

■ **Queda.** Após a 3ª Ponte e o Transcol, eram 63 mil pessoas por mês – em 1991; chegou a 2 mil pessoas em 2000, quando fechou o sistema

■ **Como será.** Os estudos começaram nesta semana e serão elaborados pela empresa paulista Gelehrter Consultoria. Inicialmente serão sete terminais: cinco em Vitória, um em Vila Velha e um em Cariacica

■ **Barcos.** Ainda não está definido o modelo. Vai depender de quantos passageiros serão transportados por viagem

■ **As rotas.** Sete linhas, com a ligação de Vila Velha (Prainha) e Cariacica (Porto de Santana) aos cinco pontos de Vitória (Shopping Vitória ou Praça do Papa, Ponte da Passagem, Centro, Ilha de Santa Maria e Rodoviária)

■ **Propostas.** Os barcos podem parar em São Pedro ou na Ilha das Caieiras, em Vitória; e também em Paul ou São Torquato, Vila Velha

■ **Interligação.** A idéia é que o sistema seja interligado ao Transcol, com uma única tarifa, de preço acessível à população, segundo o vice-governador Ricardo Ferraço

■ **Tempo da viagem.** O tempo de percurso vai variar de acordo com a rota. No antigo sistema o tempo entre Prainha e Beira-Mar era de 15 a 20 minutos